

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

por *Fátima Costa de Lima e Emanuele Weber Mattiello*

RESUMO

O OcupaCIC é uma ação política estadual integrada por diversos profissionais da cultura catarinense assim como da comunidade em geral. O objetivo é discutir os conceitos e os modos sobre os quais a cultura de Santa Catarina se apoia, debatendo sobre como o governo e os profissionais têm produzido arte e cultura. Este artigo tece uma crítica, considerando como procedimento metodológico o diferencial técnico proposto pelo movimento OcupaCIC: discutir a arte e a cultura dentro do contexto social vivo, e não fora dele. O mesmo procedimento é também proposto por Walter Benjamin, em *O Autor como Produtor*, quando este comenta a obra de Bertolt Brecht e o seu diferencial técnico perante a produção artística de sua época, deixando claro que a produção está diretamente ligada à visão política do seu autor. Assim, o artigo estabelece uma crítica baseada em alguns conceitos discutidos por Benjamin, como “representação” e “alegoria”.

Palavras-chave cultura; política; representação

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

“O pensamento volta continuamente ao princípio, regressa com minúcia à própria coisa. Este infatigável movimento de respiração é o modo de ser específico da contemplação”.

Walter Benjamin¹

A ocupação do CIC

O acampamento no CIC abriu um espaço de discussão e (re) conhecimento do setor cultural e artístico catarinense entre os dias de 23 e 28 de abril de 2012. A sociedade catarinense pôde participar de apresentações culturais, ensaios artísticos, aulas de teatro e dança, exibição de filme, performances, intervenções urbanas, caminhadas, longas discussões em assembleias constantes, além de conviver mais de perto com os artistas e agentes culturais catarinenses, ampliando suas relações e percepções sobre este ofício. A revolta do setor², unida à explosão de pensamentos e perguntas, impulsionou os diálogos acerca das políticas públicas para a cultura, em específico, sobre o Sistema Estadual de Cultura, previsto pelo Sistema Nacional de Cultura. A ação do OcupaCIC encerrou com uma reunião no dia 28 no Terminal Antigo de Florianópolis. O objetivo do movimento foi discutir e chamar a atenção para os conceitos e modos sobre qual a cultura de Santa Catarina se apoia, procurando debater criticamente a própria produção do setor, a gestão cultural do Governo Estadual, as compreensões de cultura e arte da sociedade civil e, em destaque neste artigo: problematizar e propor diálogos sobre a produção de arte e cultura dentro do seu *contexto social vivo*.

No dia 23 de abril do ano de 2012, em Florianópolis, o Fórum Catarina da Cultura³

1 BENJAMIN, 2011, p. 16.

2 O OCUPACIC teve em suas ações homens, mulheres e crianças das mais variadas classes e divisões sociais. Ainda assim, o movimento não atingiu todas as divisões. Vale frisar que o cerne do movimento constitui-se, em sua maioria, de artistas do Teatro Catarinense e da Setorial Permanente de Teatro de Florianópolis. Dentre estes, grande parte são universitários da UFSC e UDESC. Este destaque não se propõe a fazer juízo de valor dos que integraram ou não, em maior ou menor escala, ao ato. Mas sim, meu intuito em demarcar esta característica dá-se pelo fato de compreender a importância de se ter claro o ponto de partida e o contexto sócio-cultural-político e principalmente econômico que articulou as ações. É preciso saber de quem estamos falando, digo, dos limites e possibilidades que este contexto pré-estipulou ao OcupaCIC. O contexto social vivo.

3 Fórum Catarina da Cultura é um movimento de artistas do Estado de Santa Catarina que, entre suas ações, articulou a entrega de uma carta de reivindicações ao governo, como acima descrito. A carta foi assinada por artistas, grupos – a maioria do área do teatro e audiovisual - entidades, alguns Conselheiros Estaduais de Cultura. O Fórum continua encontrando-se em Florianópolis. Outras informações: <http://forumcatarinadacultura.blogspot.com.br>

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

reuniu-se nas dependências do Centro Integrado de Cultura⁴ (CIC), para a entrega oficial de uma carta que solicitava ao governo estadual mudanças na gestão cultural catarinense que visavam primordialmente a adequação do Sistema Estadual de Cultura (SEC) ao Sistema Nacional de Cultura (SNC). Para tal, o documento convocava uma audiência pública com cada instituição remetente e reivindicava o Fórum de Política Cultural Catarinense. A carta foi entregue e protocolada em cinco instâncias representativas: no Governo do Estado de Santa Catarina, Raimundo Colombo (governador); na Secretaria de Organização do Lazer (SOL), José Natal Pereira (secretário); na Fundação Catarinense de Cultura, Joceli de Souza (presidente); no Conselho Estadual de Cultura (CEC), Mary Garcia (presidente); e na Frente Parlamentar em Defesa da Cultura, Ângela Albino (Presidente). A carta foi assinada por 131 entidades, inclusive 6 membros do Conselho Estadual de Cultura⁵.

O movimento Fórum Catarina da Cultura organizou-se fundamentalmente a partir da ideia de uma representação que aqui denominarei coletiva. Por *representação coletiva* entenda-se um grupo de pessoas representando vários outros grupos ou pessoas. Perante as instituições supracitadas, o Fórum denominou-se como representante da sociedade civil do setor cultural de todo o Estado de Santa Catarina, pois buscou articular agentes culturais desse estado dentro do limitado período de quinze dias em que o documento fora elaborado.

O OcupaCIC⁶ nasceu em paralelo ao ato de entrega da carta do Fórum Catarina da Cultura. Alguns participantes consideraram a entrega da carta e a espera silenciosa por uma resposta uma ação importante, porém politicamente frágil para a situação da cultura e da arte no estado. Com o objetivo de cobrar respostas e práticas do poder público estadual e de propor diálogos entre artistas, agentes culturais, sociedade, governantes e gestores, surgiu o OcupaCIC.

É salutar para a compreensão desse ato entender o modo como os integrantes entraram em acordo e fundaram o OcupaCIC. Em assembleia geral no segundo dia de ocupação, próximo da meia-noite, criou-se o primeiro manifesto e determinou-se que o acampamento duraria cinco dias. Ao longo da semana, outros manifestos foram criados.

4 Doravante denominado CIC.

5 Doravante denominado CEC.

6 Outras informações sobre o movimento OCUPACIC podem ser procuradas com os participantes da ocupação do CIC. Algumas informações, não publicadas em tempo real e que não condizem totalmente com as ações e pensamentos do movimento como um todo, podem ser encontradas no endereço eletrônico oficial: <http://ocupa-cic.blogspot.com.br/>

Outros atos continuaram com a ideia do OCUPACIC, e, para tanto, cada movimento definiu-se com um nome diferente. Surgiram a partir do OCUPACIC, o PRÉ-OCUPA-SOL, o OCUPA-AÇÃO: Fuzilamento dos Artistas e o OCUPAITACORUBI.

O nome OCUPACIC surgiu pela alegoria dos agentes culturais e da sociedade civil estarem ocupando um espaço público cultural que estava ocioso, o que é oposto a ideia de invasão.

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

Aqui os canhões não soltam fogo e os gritos são canções. A classe artística mobiliza-se e reitera seu compromisso em representar seu papel de agentes culturais, no cenário político da cultura no Estado. Nós somos artistas. Nosso desejo nos move para uma cultura efervescente, mas que está represada pela falta de seriedade e transparência nos processos burocráticos. Por isso, faça frio ou faça sol, continuaremos reunidos no CIC, em Florianópolis, para uma ocupação de cinco dias. Chegou a hora de mostrar a nossa força e resistência! Cultura já! (<http://ocupa-cic.blogspot.com.br/2012/04/ocupacic.html>).

O Fórum Catarina da Cultura e OcupaCIC foram ações complementares que agregam, em sua *origem*, outros movimentos e atos ocorridos em Santa Catarina em prol da cultura e da arte. O Fórum caracteriza-se por ser um movimento que prioriza a discussão das linhas burocráticas do meio político; e o OcupaCIC apresentou-se como movimento de base. As duas ações - ocorrendo paralelamente e em diálogo entre si - foram fundamentais para o fortalecimento de uma luta que está longe de ter um fim. Segundo o OcupaCIC,

NÓS SOMOS NOVOS, MAS SOMOS OS MESMOS DE ANTES: O movimento aqui iniciado é independente, é uma zona autônoma, que agrega os diversos movimentos em prol da cultura, mas que se caracteriza de forma diferente, por ser um MOVIMENTO DE BASE, um movimento vivo que não ocorre em assembleias curtas e sim em PRE-OCUPAÇÕES (encontros de - pelo menos - um dia e uma noite para formação e articulação de nossas ações) e OCUPAÇÕES (ocupações temporárias de locais que são foco de nossas preocupações). (<http://ocupa-cic.blogspot.com.br/p/o-que-e-o-ocupa-cic.html>).

O ato do OcupaCIC foi criticado pelo fato de concentrar em seu cerne muitos jovens artistas e estudantes. Tal entendimento emerge do entendimento de que os jovens não possuem *experiência* para adentrar numa discussão como esta por desconhecimento do passado *histórico* e político da cultura catarinense.

Conversando com os escritos de Walter Benjamin, enfrente aqui três conceitos expostos na afirmação acima. O primeiro é o conceito de *contexto social vivo*, a que retornarei mais tarde. O segundo é o conceito de *experiência*. Algumas pessoas ligam esta palavra a um valor quantitativo que se exemplifica na idade de um homem. Para Benjamin, a experiência acontece na participação efetiva do homem em sua própria história, independente de sua idade.

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes e inexperientes. Muitas vezes podemos afirmar o oposto: eles 'devoram' tudo, a 'cultura' e os 'homens', e ficam saciados e exaustos. (BENJAMIN, 1994, p. 118).

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

O terceiro conceito é o de *origem* (*Ursprung*): nela está apreendida a história como teor e “não mais num acontecer pelo qual seria atingido” (BENJAMIN *apud* GAGNEBIN, 2004, p. 11). Jeanne Marie Gagnebin comenta, sobre o conceito de *origem*, como aquilo que remete a “a referência a uma pré e pós-história irreduzíveis ao desenvolvimento cronológico”(Ibidem). No caso do OcupaCIC, a *história* pertence à *experiência* da juventude. A ela é inerente uma outra ideia de tempo que tem mais a ver com o aqui-agora que guarda em si a promessa de sua própria transformação.

Os jovens do OcupaCIC, mais do que filhos da história, são seus agentes. Por isso, a afirmativa de que por sermos jovens’ demais desconhecemos a história e não podemos propor um ato, movimento, ou uma revolução, somente desvela a coragem que falta a muitos, jovens ou não:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se as classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. (BENJAMIN, 1994, p.224).

Contexto social vivo e estado de exceção no movimento OcupaCIC

O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (Ibidem, p. 224-225).

As formas de organização do movimento - acampamento, divulgação, relação com a mídia e com a representação, assim como os objetivos e ações do OcupaCIC - foram desmembradas e reelaboradas a todo instante durante o período de ocupação. O tempo – como um *Jetztzeit*⁸ (o “tempo de agora” benjaminiano) - pressionava pela interferência direta nos pensamentos de cada integrante, estimulando-o a buscar a autoconsciência sobre sua situação política. As interações e relações eram plásticas, modificadas continuamente e levadas ao debate dialético entre o *si* em

7 Tenho 23 anos e fiz parte do movimento Fórum Catarina da Cultura e do OcupaCIC. A maior parte dos participantes do acampamento tinha aproximadamente a mesma idade. Participaram também algumas crianças e, adultos das mais variadas idades.

8 *Jetztzeit* é o tempo do *aqui-agora*. Este conceito percorre toda a teoria de Walter Benjamin e é encontrado pela primeira vez no livro *Trauerspielbuch*.

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

“estado contemplativo”⁹ e o *outro*, nas rodas coletivas. Como moléculas que se prendem a um recipiente fechado que gradualmente se reduz, os participantes eram como átomos a fervilhar na química do grupo a fim de encontrar uma *nova* matéria para o indivíduo, o *si*, e para o *coletivo*. O *Novo*.

Criou-se um “estado de exceção”¹⁰, conceito-chave da teoria da soberania de Walter Benjamin. Segundo essa teoria, a figura do príncipe que não se submete às leis concentra em si o estado de exceção: “Aquele que exerce o poder está predestinado de antemão a ser o detentor de um poder ditatorial em situações de exceção provocadas por guerras, revoltas ou outras catástrofes”. (Benjamin, 2011, p. 60). O regime de exceção se aplica à própria situação da cultura catarinense, que tem o hábito de distribuir recursos passando por cima do Conselho Estadual de Cultura e das orientações do Sistema Nacional de Cultura. Trata-se de um caso flagrante do príncipe – aqui, uma alegoria do governo catarinense – que não segue suas próprias regras.

O OcupaCIC, por seu lado, afirmou-se como a exceção da exceção: vivendo em tempos de exceção no setor cultural e artístico de Santa Catarina, o movimento interveio instaurando ele mesmo outro (tipo de) estado de exceção, portanto, uma “exceção da exceção”.

Nestas condições, o OcupaCIC procurou produzir, no interior do grupo acampado, o estado contemplativo necessário à revolução. Ela só é possível quando os agentes transformadores se permitem a auto avaliação crítica em seu próprio contexto. O diferencial técnico oferecido pelo OcupaCIC às questões atuais das políticas da arte e da cultura reside justamente em proporcionar o debate dentro do seu “contexto social vivo”. Em outras palavras, discutir os problemas da arte e da cultura exige analisar não somente os atos do Governo - o outro -, mas também a própria forma dos componentes deste coletivo de criar e produzir sua arte e cultura. Disto decorre a possibilidade do reconhecimento em *si* do que se aponta como problemático no *outro* e, deste modo, do questionamento da arte e da cultura como um todo, buscando desde o *si* até o *outro* a transformação necessária.

Benjamin usa a expressão “contexto social vivo” para apontar sentidos da história. O OcupaCIC gera esse contexto para proporcionar a interrogação de sua própria ação. Como consciência dialética que permite revisitar, revisitar e re-experenciar o conceito de “história” numa outra tradição:

9 “Estado contemplativo” é um conceito benjaminiano encontrado na teoria da melancolia, pensamento encontrado no livro do barroco, denominado *Trauerspielbuch*. Para Benjamin (2011), esse estado é necessário ao homem que deseja transcender e acessar verdadeiramente seus pensamentos, e a partir dele, é que o homem poderá fazer uma tomada de decisão.

10 “Estado de exceção” é um conceito que encontra-se em *Origem do Drama Trágico Alemão* (*Trauerspielbuch*). Com ele, Benjamin (2011) discorre sobre a teoria da soberania. O mesmo conceito é posteriormente desenvolvido por alguns autores; é central, por exemplo, no pensamento de Giorgio Agamben.

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considerando como uma norma histórica. O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no século XX ‘ainda’ sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável. (BENJAMIN, 1994, p. 226).

Assim, discutir as problemáticas da cultura e arte catarinense, partindo-se do reconhecimento que somos os próprios fazedores desta cultura e arte - responsáveis por elas - faz com que nos inserimos ao contexto social, à história. Dialeticamente, tornando-a viva. Daí a ideia benjaminiana – e o diferencial técnico do OcupaCIC: o contexto social vivo.

Por isso também das escolhas de entrega da Carta pelo Fórum Catarina da Cultura e de utilizar o espaço do CIC como espaço de manifestação pelo OcupaCIC. Pois, os integrantes enxergam no Centro Integrado de Cultura a perfeita alegoria da situação da arte e da cultura em Santa Catarina hoje, que potente e diversificada, é desvalorizada, desrespeitada e esquecida pelo governo do Estado¹¹.

No OcupaCIC, a proposta metodológica de “convivência de opostos”¹² na forma de acampamento proporcionou um processo de debate onde um pensamento necessariamente dialético percorria um caminho em espiral entre os interesses pessoais e coletivos de cada participante da manifestação. O exercício do debate profundo e intensivo entre artistas e agentes culturais, naqueles cinco dias, resultaram na criação e gestão de possibilidades para que o grupo construísse sua própria poética do coletivo. O que aconteceu no acampamento do OcupaCIC abriu espaço para o trabalho crítico propriamente alegórico, ou seja, da manifestação de outra ideia do que é arte e do que é cultura.

11 O CIC – Centro Integrado de Cultura - é um local simbólico central para a classe cultural e artística catarinense. Pois, ele reúne a sede do Conselho Estadual de Cultura, a Fundação Catarinense de Cultura, e um escritório representativo da Secretária de Organização do Lazer (SOL), três instituições que não tem por costume prezar as próprias leis. Além disso, esse espaço cultural possui salas, teatro, cinema, galeria e diversos ambientes que deveriam ser utilizados pela população, mas que, no momento do OcupaCIC e da entrega da carta do Fórum Catarina da Cultura, estavam há muito tempo fechados para reformas. As salas disponíveis até então, não eram liberadas para os artistas catarinenses trabalharem. Em reunião com o OcupaCIC, o então senhor presidente da FCC anunciou a liberação do espaço pelos artistas. No entanto, logo após ao ato, houveram relatos de grupos que tentaram ensaiar nas dependências externas do CIC e foram barrados pela coordenação do espaço.

12 “Convivência de opostos” é outro conceito que informa a metodologia benjaminiana exposta nos Prólogos do *Trauerspielbuch* (Benjamin, 2011).

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

Excurso 1. A arte a favor do seu povo

Benjamin (1994) cita Brecht como um exemplo de dramaturgo, pensador e diretor que conseguiu, com sua arte, combater e resistir a um sistema comercial e fascista de política da arte. Brecht, segundo Benjamin, coloca sua produção a favor de seu povo. Gabriela Brandão¹³, em comentário sobre *A Obra de Arte Na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica*, compreende que

Walter Benjamin vê na “politização da arte” o contraponto para a alienação. A politização da arte tem como base a coletividade da arte reprodutível e o remanejamento dos meios técnicos de reprodução da arte. Assim, democratizando o acesso à arte e cultura. Hoje vivemos em uma democracia neoliberal, da qual estamos “livres” do fascismo que viveu Benjamin. No entanto, não estamos livres da estetização da política. A classe dominante precisa mais do que nunca garantir que a ideologia burguesa seja propagada e que a massa, hoje em dia livre para fazer suas escolhas, se sinta representada nas imagens e participante do processo político sem questionar as relações de produção do capitalismo. Ou seja, a reprodutibilidade técnica continua sendo usada para a alienação política, e para o convencimento de que a guerra é necessária, de que não existe luta de classes, e de que a sistema capitalista é a única maneira de garantir a liberdade do indivíduo. Com o avanço das transmissões de imagens e discursos ao grande público, a mídia tem como seu principal papel “fabricar” e vender informações como qualquer outra mercadoria (BRANDÃO, 2011, p.49).

Somente quando o artista e o agente cultural tomam consciência deste fato eles podem tornar-se donos de sua própria produção e, talvez, fazê-la servir à sua sociedade. O *ethos* da cultura é hoje um espaço vazio. Todavia, uma ética oposta, da tolerância e da abertura de espaços de discussões dialéticas, poderia construir as bases de uma cultura que realmente sirva a seu povo e que não contradiga as necessidades da humanidade e da natureza. Ela exige uma análise política e, com Benjamin, podemos pensar que

As democracias expõem o político de forma imediata, em pessoa, diante de certos representantes. O parlamento é seu público. Mas, como as novas técnicas permitem ao orador ser ouvido e visto por um número ilimitado de pessoas, a exposição do político diante dos aparelhos passa ao primeiro plano. Com isso os parlamentos atrofiam, juntamente com o teatro. (BENJAMIN, 1994, p.132).

13 Gabriela Brandão é cineasta graduada pela Unisul-SC. Diretora do documentário “Não Senhor”, sobre a revolta dos praças catarinenses. O documentário levou alguns prêmios como no Festival Audio-visual do Mercosul 2012 - FAM.

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

Excurso 2. A questão da representação

Um dos diferenciais técnicos foi o posicionamento que cada participante teve dentro da estrutura do OcupaCIC no que diz respeito à questão da representação. Ao longo das discussões internas realizadas pelo coletivo, definiu-se que cada pessoa representaria apenas a si mesma colocando em xeque, com esta decisão, suas próprias convicções e modelos de produção de arte e cultura.

As discussões geraram também questionamentos sobre o atual sistema político de representação cultural através de questões como: quem são nossos representantes? Onde eles estão? Em que exatamente me representam? Como me representam? Era uma questão, também, o modo como se

dá a minha comunicação com eles e, principalmente, se eu me sinto representada por eles. Assim, nesse círculo de questionamentos, pode-se discutir quais as políticas públicas de cultura que o OCUPACIC espera. (MATTIELLO, 2012, p. 1).

Faz-se necessário o verbo. Em julho deste ano, participei da V Jornada Latino-Americana de Estudos Teatrais FURB-UDESC, em Blumenau, Santa Catarina. Na mesa de trabalho sobre Recepção e Crítica Teatral, apresentei um artigo intitulado *Movimento OCUPACIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto pelo movimento para uma política de cultura*. Naquele momento, apresentei como o principal diferencial técnico uma questão de representação: o fato de que o OCUPACIC se mostrou um movimento sem representantes e líderes, ou melhor, onde cada um se auto representa dentro do grupo. A “boa intenção” política – de exercitar outro tipo de representação que se diferenciasse da que se estava contestando – não logrou, porém, alcançar a realidade do movimento que acabou por demonstrar outra coisa: com Benjamin (2011, p.24), que “A verdade é a morte da intenção”.

Dando prosseguimento à pesquisa contemplativa sobre minha experiência individual como participante ativa nessa manifestação e com a contribuição dos debates proporcionados pelo grupo de pesquisa de que participo¹⁴, muitos questionamentos, reflexões e afirmações ecoam em meu pensamento e me fazem rediscutir algumas reflexões expostas no artigo apresentado naquela ocasião. Dentre eles, constato que hoje não mais enxergo o OcupaCIC como um movimento. Acredito que ele quis ser um movimento, porém, foi um ato político que provocou reverberações sem criar propriamente um movimento.

Outra mudança: problematizando a questão da representação, o OcupaCIC parece ter romantizado sua proposta ao negar a presença de guias ou líderes. De fato, alguns integrantes foram especialmente ativos na orientação do ato político e, desta forma, atuaram como representantes do movimento e do coletivo. Atualmente, olho para a configuração do ato e percebo um desenho particular e específico que

14

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

não condiz como nosso próprio desejo enquanto coletivo. Faz-se necessário, portanto, continuar a discutir a questão da representação como renúncia à intenção e ao serviço da verdade, pois, como exemplifica Benjamin (2011, p.16), “A representação é a quintaessência do seu método. Método é o caminho não direto. A representação como caminho não direto: é esse o caráter metodológico do tratado. A sua primeira característica é a renúncia ao percurso ininterrupto da intenção”.

Excursão 3. Formação, silêncio e cultivo da autoconsciência

Política Pública de Cultura também passa por educação e formação de público, instrumentalização para apreciação e fruição artística e tomada de consciência crítica. POLÍTICA CULTURAL É PARA OS CIDADÃOS! (<http://ocupa-cic.blogspot.com.br/p/o-que-e-o-ocupa-cic.html>).

O acampamento do OcupaCIC criou um espaço de potencialização da proposta de formação. Informações sobre arte, cultura, política, contexto social e econômico, legislação, educação, entre outras, puderam ser experimentadas num ambiente de debate que buscou criar espaços democráticos que concorressem para a ampliação do conhecimento dos participantes e para o fortalecimento do coletivo. A tentativa de abertura de espaços democráticos apresenta, contudo, duas caras que devem relacionar-se numa “convivência de opostos”. Por um lado, ela se constitui como utopia da verdadeira democracia, a utopia entendida como o horizonte que nos faz caminhar¹⁵. Por outro lado, porém, essa é uma proposta que também mostra contornos românticos revelados na visão igualitária dos integrantes do OCUPACIC:

Na roda do OCUPACIC toda fala tinha o mesmo valor: a do professor universitário, que tinha sempre a experiência para trocar, a do artista indignado, que com sua indignação atacava os fatos mesmos, e a do estudante universitário que dizia “podem me explicar o que é CEC? Não estou entendendo nada”, ou, depois de uma semana, “essa semana aprendi mais sobre política cultural do que em todo meu curso universitário”. Não havia diferenças entre diretores e produtores, profissionais e amadores, graduandos e pós-graduandos. (<http://ocupa-cic.blogspot.com.br/>).

O teor romântico também atinge – expresso no desejo de “criar um espaço onde todos pudessem falar e expressar-se” - outra esfera: a da linguagem¹⁶ como expressão política. Ocorre que a linguagem é, ela mesma, mais do que expressão política: ela é a própria política. Um exemplo disso está nas muitas vozes que se omitiram durante o ocupação: havia pessoas que, embora participassem do acampamento, não falavam. Talvez isso se deva à novidade da experiência OcupaCIC: tão apartada

15 BIRRI apud GALEANO, <http://www.youtube.com/watch?v=oGJLgkBqwdc>.

16 Para aprofundar a questão da linguagem em Benjamin, sugiro a leitura de seu texto *Sobre a Linguagem em Geral e a Linguagem dos Homens*.

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

ela se mostrou do nosso mundo cotidiano que alguns se encontravam ali por sua própria vontade, mas não sabiam o que dizer.

A vergonha e o pudor também podem ser tomados como motivos para este silêncio. No entanto, é preciso lembrar que a timidez não vem antes da linguagem: a timidez está, ela mesma, *na* linguagem. E o pudor – como lembra Hans-Thies Lehmann (2009) -, é anterior ao medo. Dentre as tarefas futuras do OcupaCIC consta a de incluir a possibilidade de constituir-se como espaço da fala daqueles que nele ainda não tiveram voz.

Com a afirmação de que “Toda arte que se torna mercadoria está sujeita às leis do mercado. [...] Cabe ao artista fazer arte independente e de resistência. Nossa poética não deve servir à política, é a política que deve estar a serviço de nossa poética” (OcupaCIC, 2012), o coletivo recusa-se a compactuar com a atual visão das políticas públicas do governo de Santa Catarina. Por isso, é urgente cultivar a consciência de que, se estamos inseridos nesse meio, é preciso transformá-lo interna e externamente¹⁷.

A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha. (BENJAMIN, 1994, p. 229).

Excursão 4. O Anjo da História

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.

Em tempos de exceção, catar as ruínas da cultura e reunir forças para reconstruir a história: quando retroceder não é uma opção, torna-se útil reconhecer nossos atos examinando-os cuidadosamente. Se examinado e criticado, aquilo que se revela como falha no presente abriga uma esperança de futuro.

17 O presente artigo teve seu resumo publicado nos Anais 2012 – PPGT/UDESC. No entanto, o resumo aqui apresentado fora alterado. O título não pôde ser modificado, mas, registro aqui a falta da palavra ‘cultura’ e a retirada da palavra “Movimento”. Assim, apresenta-se: *O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura.*

O OcupaCIC e o Setor Cultural Catarinense: o diferencial técnico proposto para uma política de arte e cultura

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- > BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.165.
- > _____. *Experiência e Pobreza*. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 118.
- > _____. *O autor como produtor*. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 121.
- > _____. *Sobre o Conceito de História*. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 224; 225; 226 e 229.
- > _____. **Origem do drama trágico alemão**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.24; 171; 172.
- > BRANDÃO, Gabriela. **Não Senhor**. Trabalho de Conclusão de Curso de Cinema e Vídeo. Florianópolis: UNISUL, 2011. p. 49.
- > GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2004. p.11.
- > GALEANO, Eduardo. **El Derecho al Delirio**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=oGJL9kBqwdc> Acessado em 26 de agosto de 2012 às 15h15min.
- > FÓRUM CATARINA DA CULTURA. *A Carta de 2012*. Disponível em: <http://forumcatarinadacultura.blogspot.com.br/search/label/A%20CARTA%20DE%202012> Acessado em 13 de julho de 2012, às 20h52min.
- > LEHMANN, Hans-Thies. **Escritura Política no Texto Teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- > OCUPACIC (Blog Oficial). **Entenda o movimento**. Disponível em: (<http://ocupa-cic.blogspot.com.br/p/o-que-e-o-ocupa-cic.html>) Acessado em 13 de julho de 2012, às 21h00.
- > _____. **Manifesto do OCUPACIC**. Disponível em: <http://ocupa-cic.blogspot.com.br/2012/04/ocupacic.html> Acessado em: 13 de julho de 2012, às 21h01.
- > _____. **Ocupação**. Disponível em: <http://ocupa-cic.blogspot.com.br/2012/05/ocupacao-por-priscila-marinho.html> Acessado em: 26 de agosto de 2012, às 16h01.

Fátima Costa de Lima, Orientadora, Professora Doutora do Departamento de Artes Cênicas – CEART-UEDESC

fatimaedinho@ig.com.br

Emanuele Weber Mattiello, Acadêmica do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro – CEART-UEDESC, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq

manumattiello@gmail.com